

VALPARAÍSO DE GOIÁS: um ponto e vírgula no caminho até Brasília¹

Eliete Barbosa de Brito Silva²

Leandro Mendes Rocha³

Resumo: Este artigo se propõe a deslindar o processo de formação identitária da população de Valparaíso de Goiás/GO⁴ em sua relação com Brasília/DF. É nossa intenção, a partir do recorte temporal que compreende os anos de 1995 a 2010 investigar o processo de construção do pertencimento social dos moradores de Valparaíso de Goiás. Tal recorte se justifica por ser o ano de 1995 aquele no qual ocorreu a emancipação política de Valparaíso de Goiás e o ano de 2010 por ser o ano do último Censo do IBGE. Partimos do pressuposto de que o estreito vínculo com o Distrito Federal⁵ configura-se em impeditivo para o enraizamento desses migrantes no local onde estabeleceram moradia e em fator que evidencia a segregação socioespacial. Por se tratar de uma pesquisa em andamento os resultados são parciais.

Palavras-chave: Migração, Identidade, Valparaíso de Goiás, Brasília.

Introdução

Há no presente, grande interesse por pesquisar questões ligadas à problemática da construção de identidades. É sabido que a partir das diferenças é que se constroem as identidades. Estas podem ser individual e/ou coletiva. Estruturam-se em consonância com a sociedade na qual o indivíduo se insere. A identidade é relacional, apresenta caráter híbrido, maleável, descontínuo e temporário. A alteridade e a representação podem ser apontadas como elementos constitutivos do processo de construção identitária e a polissemia como característica precípua do conceito de identidade.

Afirma Hall (1999, p.08) que o conceito de identidade é algo ainda em construção. Torna-se impossível, pois, emitir julgamento de valor acerca das alegações e proposições teóricas que são atualmente apresentadas. O autor acrescenta ainda que as identidades pós-modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas. À suas considerações se agregam a de outros estudiosos das ciências sociais, dentre eles Bauman (2000), que crêem que as identidades modernas estão em crise. E que esta crise leva a uma fragmentação das paisagens culturais, de classe, de gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade dentre outras. E mais, que essa fragmentação afetaria as identidades pessoais.

Esse processo de deslocamento ou fragmentação de identidades é por estes autores classificado de descentração do sujeito. Nele o sujeito se desloca tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmo. Ainda pela lógica dos autores esse deslocamento vai redundar em uma crise identitária. As transformações advindas dessa crise de identidade irão promover mudanças estruturais na sociedade.

Este novo indivíduo que surge é o produto tanto das mudanças estruturais quanto das institucionais.

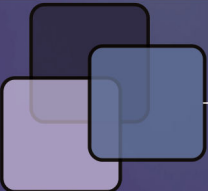
¹ O presente artigo é resultado parcial de nossa pesquisa de mestrado e foi elaborado para ser apresentado aos professores Cristina de Cássia Pereira Danilo Rabelo como requisito de avaliação final da disciplina História Temática de Goiás ministrada pelos mesmos no primeiro semestre/12.

² Mestranda em História pela Universidade Federal de Goiás. elietebarbosa1@hotmail.com

³ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. Orientador da presente pesquisa. rocha@historia.ufg.br

⁴ Composta em sua maioria por migrantes da região Nordeste do país.

⁵ Onde os moradores do referido município buscam trabalho, educação, lazer e serviços de saúde pública.



Seu processo de construção identitária pode ser caracterizado como instável e provisório. A identidade resultante deste processo apresenta-se pouco fixa e transitória. Dito de outra forma, resultante do processo de fragmentação, o sujeito pós-moderno não constrói uma identidade fixa, essencial ou permanente. Agrega, isso sim, várias identidades. Estas se coadunam, podendo ser contraditórias ou não resolvidas.

Bauman (2000) ao tratar dessa nova identidade que surge na pós-modernidade emprega a expressão metafórica “liquidez” para distingui-la. Segundo este, o termo é o que melhor define as características de efemeridade e fragmentação presentes nas relações culturais que compõem as novas identidades. Esse caráter de liquidez, segundo o autor, gera a perda de referenciais imprescindíveis para a estruturação da identidade social do indivíduo.

A liquidez das identidades se acentua principalmente entre os migrantes. Estes, em muitos casos, deixam seus lugares de origem fugindo da pobreza, da seca, da fome, do analfabetismo. Nessa fuga, que é em si mesma uma busca, são atraídos para as regiões onde as chances de sobrevivência são aparentemente melhores.

1 – Os embates travados para desbravar as fronteiras do antigo e do novo

Os processos migratórios sempre estiveram presentes no decurso da história da humanidade.

Geralmente tal processo é incentivado pelos grupos familiares ou de amizade que, tendo migrado, incentivam

aqueles que ficaram a fazer o mesmo. Indifere para estes indivíduos que as metas e objetivos traçados encontrem-se longe da realização. A crença na oportunidade de uma vida melhor faz com que essas pessoas abandonem o lugar de sua experiência histórica de vida e partam rumo ao desconhecido.

O município de Valparaíso de Goiás tem sua gênese nos movimentos migratórios decorrentes da construção de Brasília/DF. Nas décadas que compreenderam o período de construção da capital federal assistimos a um afluxo intenso de migrantes para a região Centro-Oeste. Os trabalhadores “candangos”⁶ criam que estava se construindo no planalto central brasileiro um espaço de prosperidade e transformações. Um lugar onde as desigualdades sociais seriam superadas e a isonomia e o sucesso pessoal seriam uma constante, em que poderiam recomeçar suas vidas em bases mais auspiciosas. São múltiplas as referências a esse estado de espírito dos pioneiros. Silva (1997) sobre a crença na construção do novo que permeava o imaginário candango afirma que aquelas pessoas acreditavam que a construção da nova capital representava a oportunidade de uma vida nova.

Porém, a dita “Capital da Esperança” constituir-se-ia doravante na “Capital da Exclusão”. Ficaria claro a esses indivíduos que esta não fora construída para abrigar o cidadão comum. Estes são obrigados então a reelaborar seus planos para assegurar a sobrevivência. É nesse contexto que surge a chamada região do Entorno de Brasília⁷. Valparaíso de Goiás por inserir-se nessa região é parte desse processo de readaptação dos planos

⁶“Candango” é o termo dado aos trabalhadores que imigravam à futura capital para sua construção. De origem Africana, Candango significa “ordinário”, “ruim”, e era a denominação que se dava aos trabalhadores que participaram da construção de Brasília. Já segundo o Dicionário de Folclore para Estudantes, “candango” é palavra do dialeto quimbundo, da região de Angola, com a qual os africanos escravizados nomeavam os senhores de engenho. Pela importante atuação na criação de Brasília, hoje o nome “candango” é dado também às pessoas que nasceram no Distrito Federal, uma forma de homenagear os pioneiros. Cf. LUIZ, Edson Beú. Os filhos dos candangos: exclusão e identidades. 2007. 140f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

⁷Por Entorno entende-se o espaço de influência do Distrito Federal em articulação com os 22 municípios (19 goianos e três mineiros) adjacentes a este: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa no estado de Goiás; Buritit, Cabeceira Grande e Unai em Minas Gerais. E Brasília como cidade polo. Conforme o grau de dependência dos municípios do Entorno nos setores de emprego, educação, equipamentos públicos, relações comerciais e espaço de atração migratória classificam-se em: Entorno Imediato, com alta polarização (Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, Novo Gama, Santo Antonio do Descoberto e Valparaíso de Goiás); Entorno Intermediário, com média polarização (Abadiânia, Alexânia, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa e Planaltina de Goiás); Entorno Distante, com baixa polarização (Água Fria de Goiás, Buritit, Cabeceira Grande, Cabeceiras, Mimoso de Goiás, Padre Bernardo, Pirenópolis, Unai e Vila Boa). Cf. Zoneamento Ecológico-Econômico do DF, Subproduto 3.2- Relatório do Diagnóstico: Articulações com a RIDE. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do DF, 2010. Cf. SILVA, G.E.R. da. VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial _ 1995/2010 . 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais/IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.



candangos.

Antes de prosseguirmos na análise das transformações históricas e socioespaciais ocorridas a partir da construção de Brasília nas regiões fronteiriças a essa, consideramos a pertinência de abordarmos mais detidamente o processo de povoamento do estado de Goiás. Tal se justifica porque o município de Valparaíso de Goiás, objeto de nossos estudos, encontra-se em território goiano.

Chaveiro et al.(2009, p.19) ao tratar das transformações demográficas ocorridas no território goiano aponta para três momentos a serem considerados:

O primeiro se refere ao Goiás das políticas expansionistas (Construção de Goiânia, Marcha para o Oeste, CANG, PNDs, os Planos Rodoviários, etc.) que se delinea dos anos trinta até final de sessenta, do século XX (...) Já o segundo período, principalmente após setenta, representa um Goiás, amparado por uma infra-estrutura consolidada (rodovias, energia elétrica, comunicação) mas cindido (separação de Tocantins); um Goiás que sofre influência da construção de Brasília, um território com uma modernização conservadora que se articula à economia nacional e se prepara para, posteriormente, se aglutinar à economia internacional. (...) a modernização do território goiano não é completa mas é hegemônica, pois quem domina a dinâmica econômica do território, agora é a agroindústria.

Concordamos com Chaveiro quando este afirma que “o processo de ocupação e povoamento de Goiás” se deu de forma “induzida”⁹. Achamos pertinente a periodização por ele estabelecida das transformações ocorridas na dinâmica populacional do estado. Entretanto, acreditamos que deva ser considerado neste contexto também um período anterior ao século XX, estabelecido pelo autor como o primeiro período de significativas transformações demográficas no estado.

Trata-se a nosso ver de incluir nessa periodização o ciclo referente à segunda metade dos anos de 1700. Nesse momento com a descoberta de ouro no sertão dos Guayazes, inicia-se um intenso movimento migratório para a região. Esse processo migratório é incentivado pela Coroa portuguesa como estratégia para promover o

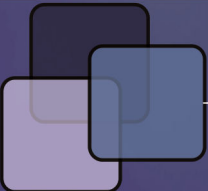
povoamento efetivo do sertão dos Guayazes. Segundo Moraes (2011, pp.77-84):

A Coroa portuguesa estava convencida de que a doação de pequenas parcelas do território a um grande número de pessoas haveria de contribuir para a ocupação e o povoamento efetivo do mesmo, resolvendo desse modo o problema de não fixação populacional em áreas de mineração. (...) Parece-nos que a propaganda feita pelas autoridades portuguesas logrou êxito, e muitos dos que atenderam ao chamado se enriqueceram, se nobilitaram e se enraizaram.

Os migrantes portugueses estabeleceram assim, vínculos com a terra. Utilizaram aspectos de sua cultura, inclusive a religiosidade, para enfrentar a rusticidade da colônia. Moraes (2011, p.66) atenta para o fato de que “a produção bibliográfica relativa à migração para Goiás desde o século XVIII tem merecido pouca atenção por parte de diferentes especialistas” resultando nas palavras da autora “na quase inexistência de trabalhos sobre o tema”. Entretanto, apesar da escassez de trabalhos é possível encontrar referência aos migrantes que vieram para o estado de Goiás em documentos do período colonial.

A partir dos referidos documentos pode-se constatar que o processo de povoamento do estado de Goiás em seus primórdios se deu tradicionalmente pela atividade mineradora. Foi essa atividade, conforme exposto alhures, a responsável por um grande afluxo de pessoas ao sertão dos Guayazes no século XVIII. A atividade de extração do ouro, entretanto, por si só não era garantidora de fixação dos migrantes na colônia. Tal se explica por ser esta uma atividade fluida; o ouro podia se esgotar a qualquer momento. Esgotado o ouro nada mais reteria os aventureiros do “El dourado” em terras dos Guayazes. Em função do caráter de efemeridade da atividade mineradora, os povoamentos que dela se originaram foram rápidos e dispersos. Esgotavam-se na mesma medida em que se esgotava a abundância aurífera (Moraes, 2011, pp.66-67). Reter essas pessoas na terra era o grande desafio. A solução veio através da atividade agropecuária.

⁹ Cf. Chaveiro et al. A dinâmica demográfica de Goiás. Goiânia: Ellos, 2009. 130p. :il



Com o esgotamento da produção aurífera os moradores da Capitania de Goiás voltaram suas atividades para a agropecuária. Segundo Palacín (1994) “com a decadência da mineração, a população se dispersa e se dedica a formar fazendas”⁹. Entendemos que nesse momento começa a se construir uma identidade coletiva para Goiás com orientação no mundo rural. Nas palavras de Moraes (2006, p.27):

A urbanização de Goiás foi sustentada por uma ocupação arcaica. Com predominância rural, desde os tempos coloniais até a década de 1930 no século XX. As cidades goianas retratam características rurais na sua estrutura urbana, na sua arquitetura e nas características de seu povo, a maioria de origem sertaneja.

A “goianidade”¹⁰ expressa em Moraes aponta para indivíduos que mantêm estreitos vínculos com o campo. Entretanto, Valparaíso de Goiás, cidade do Entorno do Distrito Federal, parece fugir a esse quadro de goianidade. O município até o ano de 1995, quando se emancipou politicamente, era distrito de Luziânia/GO. Luziânia, uma cidade bicentenária, é em sua estrutura condizente com as características apontadas pela autora para uma típica cidade goiana. Os moradores do

município conservam nos dias que correm hábitos de um Goiás rural, ainda que vivam na denominada Área Metropolitana de Brasília/AMB¹¹.

Percebemos através de nossos estudos que tradicionalmente os municípios emancipados tendem a ressignificar as tradições culturais de seu município de origem, mantendo em parte algumas características dessa cultura cessionária. Valparaíso de Goiás, entretanto, foge a essa “regra”. Ao observar as práticas cotidianas do município percebe-se que este pouco ou mesmo nada guarda de sua cidade de origem.

As relações institucionais e/ou sociais dos moradores de Valparaíso de Goiás se dão em sua quase totalidade com o Distrito Federal. As palavras de um morador quando questionado acerca do tema respaldam tal afirmativa. Segundo ele “*essa cidade vive em função do DF, os seus habitantes trabalha e estuda no DF, ganha e gasta lá.*” A fala do morador não é um tom isolado no fluxo urbano local. Ela ecoa inclusive nos meios de comunicação que costumam propalar a ideia de que Valparaíso de Goiás surgiu em função de Brasília.

⁹ Cf. Palacín, L.; Chaul, N. F.; Barbosa, J. C. História política de Catalão. Goiânia: Ed. da UFG, 1994. 289p. In: Pinheiro, Antônio César Caldas. Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção das tradições. Goiânia, 2003. 164f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2003. Conferir também Estevan, L. O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. 2ª Ed. – Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

¹⁰ A noção de goianidade reveste-se de dimensão simbólica. Através dela captam-se imagens que se formam e se transformam no que pode vir a ser goianidade. É importante ressaltar que no campo simbólico não existe um discurso único de goianidade, tampouco uma imagem unitária, mas um conjunto de diferentes aspectos e traços que se abrigam sob essa noção. Existe, sim, uma pluralidade de imagens de natureza, da culinária, da música, da festa popular, de formas de ser, de sentir e de interagir que, interligadas, exprimem um ideal de goianidade. Não há um perfil único que simboliza a goianidade, porque ela não se traduz em uma imagem homogênea. A goianidade se traduz em imagens múltiplas, que se vão colando em torno do forte sentimento de “ser” goiano, de tal maneira que se pode pensá-la como uma forma continente de muitas imagens. Ela pode ser a expressão dessas imagens formadas e retratadas pela historicidade, pela interpretação literária e pelas relações cotidianas no espaço vivido dos goianos. Os ritmos da natureza se entrelaçam com os processos de vida das pessoas. (...) a goianidade está presente no imaginário do goiano, prene de símbolos originários da tradição rural de Goiás, que vem desde a descoberta do Estado pelos bandeirantes paulistas até os dias atuais. NOGUEIRA, M. F. M. O imaginário da goianidade: turismo e cultura. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano VIII, n. 11, jan./dez. 2008. Cf. também FREITAS, L. C. B. F. Goiás e a goianidade. Revista da Aflag-Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - Goiânia, n. 1, pp. 183-191.

¹¹ Nomenclatura empregada pelo Observatório dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio do DF – ODM/ CODEPLAN, divulgada em 15/12/ 2011; que abrange o Distrito Federal e mais 10 municípios goianos da chamada Área Metropolitana de Brasília – AMB: Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás. Destes, Alexânia e Luziânia, embora não sejam contíguos ao DF, possuem também forte grau de integração com este. Cf. SILVA, G.E.R. da. VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial – 1995/2010 . 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais/IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

Figura 1 - Vista aérea de Valparaíso de Goiás



Fonte: Jornal de Brasília, 23/04/11 –“TUDOCASA”, encarte de divulgação imobiliária.

A foto é comprobatória do exposto. Ela é parte integrante de um encarte de jornal de circulação no DF e Entorno. Traz em mensagem no canto superior direito uma frase que alude à criação do “Núcleo Habitacional Valparaíso I”¹² em função da construção de Brasília. Segundo informações obtidas, o município surge em função da pressão imobiliária, da necessidade de “acolher” os trabalhadores candangos que não podendo fixar residência em Brasília, não desejavam retornar às suas localidades. Para entendermos a relação entre Valparaíso de Goiás e Brasília¹³ faz-se mister conhecermos um pouco mais sobre o município em estudo.

2 – Valparaíso de Goiás no contexto metropolitano de Brasília

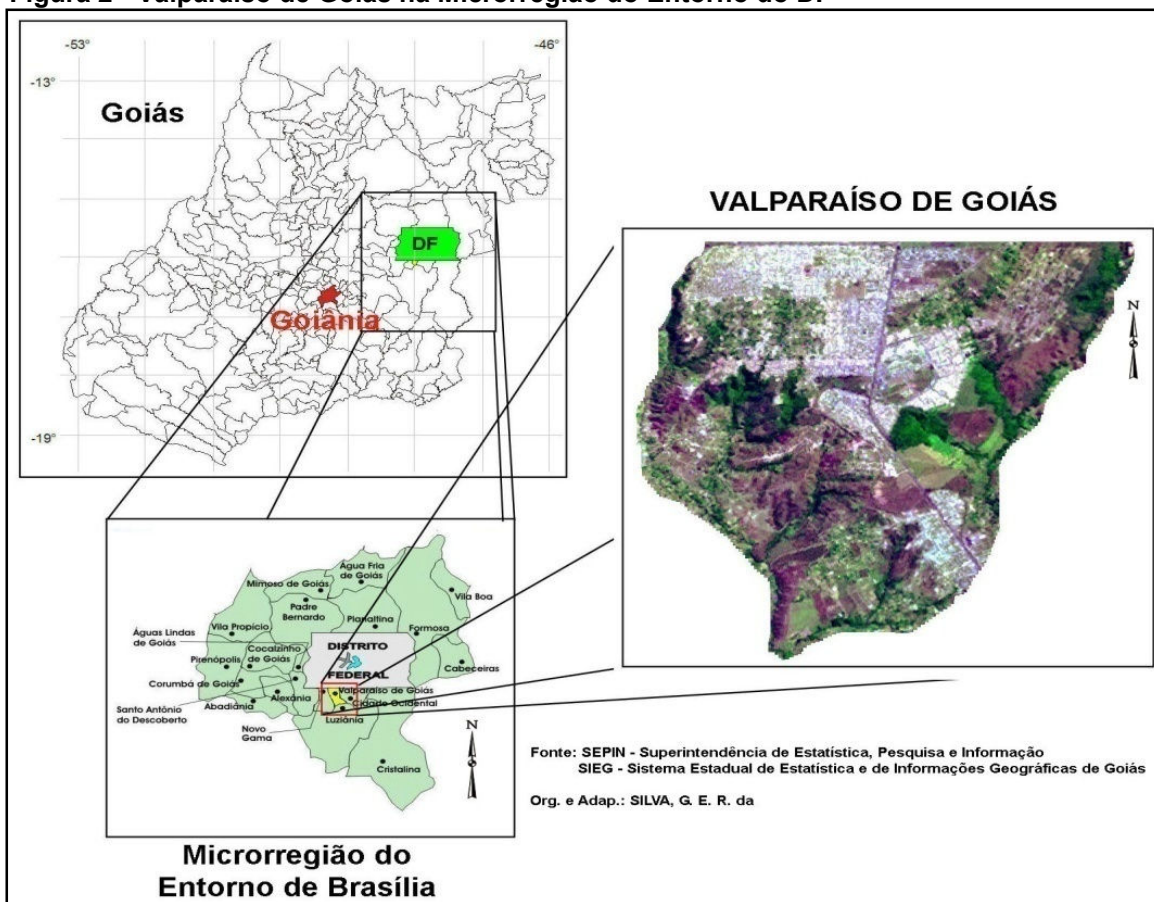
O município de Valparaíso de Goiás localiza-se na mesorregião do Leste Goiano. Esta por sua vez é formada pelas microrregiões do Entorno do Distrito Federal e Vão do Paraná. Sendo que o referido município está inserido na primeira (fig.01). Possui um território de 60,111 km² e uma população de 132.947 hab.¹⁴.

¹² Cf. Pimentel, A. Visão Histórica de Valparaíso de Goiás. Brasília: Athalaia Gráfica Editora Ltda., 2006. 105p.

¹³ No contexto do presente texto entendida como o Distrito Federal.

¹⁴ Cf. IBGE/2010.

Figura 2 - Valparaíso de Goiás na Microrregião do Entorno do DF



Fonte: SILVA, E.B.B 2010.

O município de Valparaíso de Goiás não possui, de acordo com os dados do IBGE/2010, área rural. Resulta daí uma concentração populacional que se caracteriza como uma das maiores do estado de Goiás em espaço totalmente urbano.

Pela análise do quadro que segue observa-se que o município de Valparaíso de Goiás é, dentre todos os que compõem a microrregião do Entorno do Distrito Federal, o único que não possui área rural. Também no estado de Goiás, o município encontra-se isolado quanto a essa característica.

Quadro 1 – Microrregião do Entorno do Distrito Federal: População residente e Densidade demográfica – 2010

Municípios	População total	Situação do domicílio		Densidade demográfica hab./km ² (2010)
		Urbana	Rural	
Abadiânia	15.752	10.773	4.979	15,09
Água Fria de Goiás	5.095	2.137	2.958	2,51
Águas Lindas Goiás	159.505	159.265	240	834,24
Alexânia	23.828	19.701	4.127	28,10
Cabeceiras	7.346	5.497	1.849	6,51
Cidade Ocidental	55.883	43.613	12.270	143,97
Cocalzinho de Goiás	17.391	6.448	10.943	9,73
Corumbá de Goiás	10.344	6.416	3.928	9,74
Cristalina	46.568	38.430	8.138	7,56
Formosa	100.084	92.035	8.049	17,54
Luziânia	174.546	162.835	11.711	44,06
Mimoso de Goiás	2.685	1.242	1.443	1,94
Novo Gama	95.0132	93.967	1.046	495,70
Padre Bernardo	27.689	10.794	16.895	8,82
Pirenópolis	23.065	15.589	7.476	10,35
Planaltina de Goiás	81.612	77.583	4.029	32,14
Stº. Antº. do Descoberto	63.166	56.721	6.445	67,32
Valparaíso de Goiás	132.947	132.947	00	2,212
Vila Boa	4.742	3.494	1.245	4,47
Total da Região	1047261	939.490	107.771	29,13
Total do Estado	6.004.045	5.421.069	582.976	17,65
Região/Estado (%)	17,44	17,33	18,49	-

Fonte: IBGE/2010 Elaboração: SEPLAN-GO/SEPIN/Gerência de Estatística Socioeconômica /2010. Adaptação e organização: SILVA. E.B.B /2012.

O quadro aponta ainda para o fato de que existem na referida microrregião municípios cuja população rural sobrepuja a urbana. São municípios que fogem à realidade goiana. Segundo Moysés (2010, p.24) mais de 90% da população goiana vive em áreas urbanas. Afirma o autor que:

A maior parte do crescimento populacional de Goiás ocorreu nas áreas urbanas. A taxa de urbanização do estado chegou a 90,30% em 2010 – bem acima das taxas nacionais que foi de 84,36% e do Centro-Oeste que foi de 88,80% (...) Pela divisão mesorregional observa-se que aproximadamente 70% da população goiana se concentram nas mesorregiões Centro e Leste Goiano (que abrigam a RM Goiânia e RIDE DF).

Os municípios da Área Metropolitana de Brasília, Água Fria de Goiás, Mimoso de Goiás e Padre Bernardo localizados em território goiano apresentam preponderância de população rural. São, pois, uma exceção se observadas as considerações de Moysés. Prosseguindo na análise do quadro, verifica-se que os municípios goianos contíguos ao Distrito Federal/DF apresentam acelerado crescimento. Resulta daí expressiva concentração populacional urbana. Esse fator pode justificar as elevadas densidades demográficas.

Devido ao elevado nível de integração com o polo, que é Brasília, os municípios alhures referenciados apresentam problemas institucionais, sociais e econômicos. Configuram-se em atrativos para os migrantes que não conseguiram estabelecer-se na capital federal. Seu

espaço é constantemente alterado pelos “sempre chegantes”¹⁵. Os dados expressos no quadro 2 são comprobatórios da presença migrante na constituição populacional dos municípios da Microrregião do Entorno do Distrito Federal.

Quadro 2 – Microrregião do Entorno do Distrito Federal: População residente - naturais e não-naturais/2010

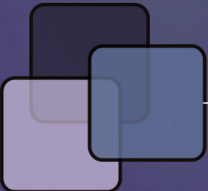
Municípios	População Total	Situação do domicílio			
		Naturais	%	Não-naturais	%
Abadiânia	15.752	12.017	76,28	3.740	23,74
Água Fria de Goiás	5.095	2.353	46,18	2737	53,72
Águas Lindas Goiás	159.505	24.725	15,50	134.653	84,42
Alexânia	23.828	13.828	58,03	9.986	41,91
Cabeceiras	7.346	4.694	63,90	2.160	29,40
Cidade Ocidental	55.883	11.085	19,84	44.830	80,22
Cocalzinho de Goiás	17.391	9.118	52,43	8.289	47,66
Corumbá de Goiás	10.344	7.623	73,69	2.738	26,47
Cristalina	46.568	24.581	52,78	21.999	47,24
Formosa	100.084	63.945	63,89	36.140	36,11
Luziânia	174.546	80.812	46,30	93.719	53,69
Mimoso de Goiás	2.685	1.534	57,13	1.151	42,87
Novo Gama	95.013	21.555	22,69	73.463	77,32
Padre Bernardo	27.689	11.384	41,11	16.287	58,82
Pirenópolis	23.065	17.136	74,29	5.870	25,45
Planaltina de Goiás	81.612	29.042	35,58	52.607	64,46
Stº. Antº.doDescoberto	63.166	22.185	35,12	41.053	64,99
Valparaíso de Goiás	132.947	22.028	16,57	110.954	83,46
Vila Boa	4.742	2.013	42,45	2.632	55,50

Fonte: IBGE/2010 Elaboração: SEPLAN-GO/SEPIN/Gerência de Estatística Socioeconômica / 2010. Adaptação e organização: SILVA. E.B.B /2012.

Quando analisadas as variáveis populacionais de “naturais” e “não-naturais”, percebe-se que dentre os municípios mais afastados do meio metropolitano o índice percentual de naturais é superior. Já nas áreas mais próximas do polo atrativo metropolitano inverte-se esses valores.

Valparaíso de Goiás destaca-se como o segundo município na AMB onde a taxa de moradores residentes não-naturais se sobrepõe aos naturais. É precedido apenas por Águas Lindas de Goiás, que apresenta um quantitativo de 84,42%. Ambos os municípios encontram-se respectivamente no Entorno Sul do DF e Entorno

¹⁵ Foram nomeados por nós como sempre chegantes os sujeitos migrantes oriundos de diversas regiões do país que aportam nos municípios adjacentes ao DF em busca da sobrevivência. Para a região foram atraídos pela influência exercida por Brasília no imaginário destes. A capital da república brasileira é considerada por eles como espaço de oportunidades.



Oeste deste. Sendo cortado, aquele pela BR-040, e este pela BR-070. Tais vias são importantes eixos de ligação entre a capital e demais regiões do país. Assim, infere-se que a proximidade com Brasília e a presença dos eixos rodoviários se constituem em elementos facilitadores para o afluxo de migrantes aos municípios.

Os municípios em estudo apresentam ainda uma aglomeração populacional que supera em muito as taxas populacionais para municípios com área equivalente em outras regiões do estado. A busca pelo bem-viver torna-se nestes mais penosa. A violência urbana, em suas variadas manifestações, mais evidente. Viana (2002, pp.29-44) ao tratar da violência urbana assim se expressa:

A violência urbana não é a violência que ocorre no espaço urbano e sim a violência derivada da organização do espaço urbano. A violência é resultado dos conflitos e problemas urbanos. (...) Assim, a violência urbana não se confunde com toda e qualquer forma de manifestação de violência que ocorre na cidade. (...) o espaço urbano é um espaço social, isto é, um espaço caracterizado por ser ele mesmo um conjunto de relações sociais derivado de outras relações sociais (as relações de produção capitalistas). (...) O espaço urbano capitalista gera diversos problemas e conflitos e isto, por sua vez, gera uma forma específica de violência: a violência urbana.

Os municípios da AMB, dentre eles Valparaíso de Goiás, conhecem de perto a violência urbana a qual o autor se reporta. Esta se faz presente no contexto urbano do município em suas mais variadas formas de manifestação. O cotidiano dos moradores de Valparaíso de Goiás é constantemente recortado por problemas relacionados ao espaço urbano. Dentre tais problemas podem ser citados as longas distâncias percorridas entre o lugar de moradia e o de trabalho e/ou estudo ou lazer, a ineficiência do sistema de saúde pública que obriga o indivíduo a buscar por atendimento na cidade polo¹⁶, a má qualidade do transporte público, aliado às altas tarifas que consomem significativo percentual do já minguado salário, dentre outros.

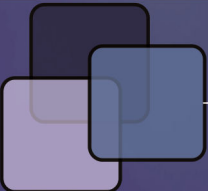
¹⁶ No caso em estudo a cidade polo procurada é Brasília ou suas cidades satélites, que é o antigo nome dado às regiões administrativas localizadas no entorno de Brasília, aqui entendida como o Plano Piloto. Atualmente são 31(GDF/2012). Cf. Revista Nova Escola. Seção: Na dúvida? Nova Escola responde. Edição 219 – Jan./Fev. 2009.

Considerações Finais

Embora em andamento, a pesquisa aponta para alguns pressupostos. As especificidades da gênese do município de Valparaíso de Goiás resultaram no aparente desenraizamento de sua população. Esta estabelece relações de alteridade com os moradores do Distrito Federal. E finalmente, que o processo migratório no município de Valparaíso de Goiás pode ser considerado em três momentos: o primeiro, quando se verifica a necessidade de “saneamento” da área urbana do Distrito Federal e as prostitutas são “mudadas” para as fronteiras deste com o DF. O segundo momento pode ser observado pela vinda de migrantes que não podendo se estabelecer em Brasília ou em uma de suas cidades-satélites encontram no município goiano local propício para seu estabelecimento. E um terceiro momento, no qual o motivo que justifica a chegada de migrantes para o município é sua localização geográfica em relação ao DF. Entretanto em todos os momentos assinalados a recorrência é o desejo de “estar” no DF.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2005. 110p.
- BLOCH, Marc. L. B. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 159 p.
- BOSCHI, C. C. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007. 72 p.
- CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. 508 p.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998. 233 p.



CHAUL, N. F. **Goiás: Identidade, paisagem, tradição.** 1ª Ed. Goiânia: UCG, 2001. 268p.

FERREIRA, V. M. **Fascínio da Cidade: memória e projecto da urbanidade.** Lisboa: Ler Devagar, 2004. 405p.

FORTUNA, C. **As cidades e as identidades: Narrativas, Patrimônio e Memória.** In: SMITH, W. Barão Geraldo: História e Identidade Local. Monografia de iniciação científica na disciplina de História. São Paulo: USP, 1995. 25 p.

FREITAS, L. C. B. F. **Goiás e a goianidade.** Revista da Aflag- Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - Goiânia, n. 1, p. 183-, 191.

FROCHTENGARTEN, F. **A memória oral no mundo contemporâneo.** Estudos Avançados 19 (55), 2005. pp.367-376.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.

MELLO, M. de. **Luziânia: a fragmentação territorial de um município do Entorno de Brasília.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999. 124f.

NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Editora Revan. Rio de Janeiro, 2005. 424p.

NOGUEIRA, M. F. M. **O imaginário da goianidade: turismo e cultura.** Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano VIII, n. 11, jan./dez. 2008.

OJIMA, R.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. da. **Cidades-dormitório e a mobilidade pendular: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais?** Disponível em:

<www.unicamp.br/anuario/2008/IFCH/DD/DD-0012.html> Acesso em: jan./2011.

PAVIANI, A. **Urbanização e Metropolização.** Brasília: Universidade de Brasília, Codeplan, 1987. 256 p.

PIMENTEL, A. **Visão histórica de Valparaíso de Goiás: pesquisa histórica.** Valparaíso de Goiás, 2006. 105p.

RIBEIRO, H. S. **O Migrante e a cidade: dilemas e conflitos.** Araraquara, 2001.

SILVA, E. B. B. e SILVA, G. E. R. **Aspectos Histórico-geográficos do município de Valparaíso de Goiás.** In: História de Nossa Terra: Valparaíso de Goiás. Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás (Org.) 1ª edição. Valparaíso de Goiás, 2008. 152 p.

SILVA, L. S. D. da. **A Construção de Brasília: Modernidade e Periferia.** Editora da UFG. Goiânia, 1997. 137p.

SILVA, R. M. **Memórias e Identidades e Processos Migratórios.** In: Em tempo de Histórias – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História / UnB, nº 12. Brasília, 2008. 24 p.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental.** In: O fenômeno urbano. VELHO, O. G. (Org.). Tradução: Reis. S. M. dos. 4ª ed. Editora Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979. pp.11-25.

STEINBERGER, M. (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais.** Brasília: Paralelo 15 e LGE Editora, 2006. 408 p.

SUESS, P. **Migração, identidade, interculturação:** Teses e fragmentos para um discernimento teológico-pastoral. Disponível em: <http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_76.pdf> Acesso em: 01/06/2011. p.01-13.